

**FAMILIARE INSTITUTO SISTÊMICO**

**MARINA TEIXEIRA MARTINS**

**A FORMAÇÃO DO CASAL: AS EXPERIÊNCIAS DOS TRÊS PRIMEIROS ANOS**

Florianópolis

2016

MARINA TEIXEIRA MARTINS

A FORMAÇÃO DO CASAL: AS EXPERIÊNCIAS DOS TRÊS PRIMEIROS ANOS

Trabalho apresentado ao Familiare Instituto  
Sistêmico como requisito parcial para a  
conclusão do curso de Especialização em  
Terapia Relacional Sistêmica

Orientadora: Sônia de Lima

Florianópolis  
2016

## RESUMO

O presente artigo objetiva compreender as características da relação/formação do casal nos três primeiros anos de casamento, identificar as facilidades e dificuldades presentes nesse período e caracterizar os recursos do casal para o enfrentamento/negociação das dificuldades. De delineamento descritivo, o trabalho contou com pesquisa bibliográfica a partir de artigos e livros sobre a dinâmica das relações conjugais e dos fatores que nela interfere, além da aplicação de entrevistas semiestruturadas com três casais, sendo que cada membro respondeu de modo independente, sem a presença do cônjuge. As principais bases teóricas que orientaram a discussão foram a teoria de Apego de Bowlby, a abordagem Sistema da Terapia Familiar e as Mudanças no Ciclo de Vida Familiar de McGoldrick. Os resultados indicam que não existe uma única forma de entender o casamento e não há necessidade de comparações entre um casal e outro. O maior desafio é identificar as zonas de conflitos mais frequentes e conseguir agir de forma preventiva. Possibilitar mudanças no padrão relacional dos casais e encontrar novas formas de pensar e agir. Além disso, pretende-se contribuir com os terapeutas para que eles possam aprimorar as suas práticas.

**Palavras-chave:** construção da conjugalidade, facilidade e dificuldade nos relacionamentos conjugais, formação do casal.

## ABSTRACT

This article aims to understand the relationship/formation characteristics of a couple in the first three years of marriage, to identify the facilities and difficulties in this period and to characterize the couple's devices to face/negotiation of difficulties. About descriptive delineation, this work presents bibliography research from article and books about the couple's relationship dynamics and the issues that interfered in it, besides the application of the semi structured interviews with three couples, where each member answered independently, without the spouse's presence. The main theory basis that has guided the discussion were the attachment theory from Bowlby, the Familiar Therapy System approach and the Changes in the Familiar life cycles from McGoldrik. The results shows that there is not only way to understand the marriage e there is not necessity of comparison between one couple and another. The biggest challenge is identify the more frequent conflict zones and act in a preventive way. Allowing changes in the couple's relational pattern and to find new ways of think and act. Besides that, it intend to contribute with the therapeutics for those who are able to improve their practices.

**Keywords:** construction of conjugality, ease and difficulty in marital relationships, formation of the couple.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos casais que, gentilmente, compartilharam as suas experiências pessoais comigo;  
Aos professores do Instituto Familiare - Cida, João e Denise pelo imenso aprendizado;  
A minha querida orientadora pela forma doce, leve e acolhedora em respeitar todas as minhas dúvidas e preocupações;  
A minha família e meu noivo de quem obtive apoio incondicional incentivo e carinho;  
Aos meus colegas de turma pela trajetória de aprendizagem e troca de experiência.

“A alegria do triunfo jamais seria experimentada se não houvesse a luta que determina a oportunidade de vencer.” **Carlos Bernardo Gonzalez Pecotche**

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	6
<b>2 OBJETIVOS</b> .....	8
2.1 OBJETIVO GERAL .....	8
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	8
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	9
<b>4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	10
4.1 TEORIA DO APEGO E A ESCOLHA DO PARCEIRO .....	14
4.2 O SIGNIFICADO DO CASAMENTO .....	17
4.3 DIFERENCIAÇÃO E MUDANÇAS DE PAPÉIS .....	18
4.4 DIFERENÇA ENTRE GÊNEROS .....	19
4.5 OS RECURSOS DA FRATRIA .....	20
4.6 COMUNICAÇÃO .....	22
4.7 INTIMIDADE E TEMPO JUNTOS .....	23
<b>5 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS</b> .....	25
5.2 ENTREVISTA COM O PRIMEIRO CASAL (ANA* – 33 ANOS E PEDRO* – 38 ANOS) .....	25
5.2 ENTREVISTA COM O SEGUNDO CASAL (CLÁUDIA* – 25 ANOS E ANTÔNIO* – 35 ANOS) .....	27
5.3 ENTREVISTA COM O TERCEIRO CASAL (FABIANA* – 29 ANOS E TOBIAS* – 35 ANOS) .....	29
<b>6 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b> .....	32
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	35
<b>REFERÊNCIA</b> .....	36
<b>ANEXO I - ENTREVISTA</b> .....	37
<b>ANEXO II - APRESENTAÇÃO DAS ENTREVISTAS EM TABELA</b> .....	38
<b>ANEXO II - TERMO DE CONSENTIMENTO</b> .....	43

## 1 INTRODUÇÃO

A escolha do assunto do presente estudo iniciou-se a partir de relatos de amigos e pacientes em relação às dificuldades e facilidades do estabelecimento da relação conjugal nos primeiros anos. A fim de compreender melhor como os casais enfrentam o seu dia a dia, sentiu-se a necessidade de buscar conhecimento mais aprofundado das dinâmicas das relações conjugais e dos fatores que nela interfere. Na atuação do terapeuta, a preocupação está centrada em querer ajudar os casais que passam por momentos de reajustamento. O maior desafio é identificar as zonas de conflitos mais frequentes e conseguir agir de forma preventiva. Possibilitar mudanças no padrão relacional dos casais e encontrar novas formas de pensar e agir. Além disso, pretende-se contribuir com os terapeutas para que eles possam aprimorar as suas práticas.

Compreender como cada um dos cônjuges se constituiu através de sua história, conhecer aspectos de sua transgeracionalidade, caracterizar os recursos dos casais para o enfrentamento das dificuldades, identificar as facilidades e dificuldades que os casais encontram no dia a dia e entender o processo de construção de novas regras são alguns pontos a serem discutidos. Conforme Andolfi (1995), a transgeracionalidade é caracterizada pela transmissão de costumes, hábitos e padrões de comportamentos de geração em geração. Nesse sentido, o indivíduo carrega muitas heranças que ocorrem no interior da sua família, além daquelas que recebe do contexto em que a sua família está inserida. Esse conjunto de heranças possivelmente irá contribuir para a escolha e formação da sua relação conjugal.

Segundo MCGoldrick (1995) a união conjugal não é apenas a soma de duas pessoas, e sim a formação de um novo sistema. Para que o casal consiga se diferenciar da sua família de origem e se desenvolver é necessário aprender a negociar novos papéis e adquirir a sua autonomia própria. Uma relação conjugal torna-se saudável quando acontece uma redefinição de papéis, regras e funções, sem que estas regras sejam totalmente rígidas e nem modificáveis por um dos membros sem consultar o outro. Conforme o autor esta não é uma tarefa fácil, já que muitos casais não conseguem se diferenciar das suas famílias de origem.

A teoria do Apego, desenvolvida por John Bowlby (2002), serve, entre outras, como base teórica para a compreensão da dinâmica do casal. Conforme o autor, o apego está presente em todas as nossas relações, desde a infância até a morte. A escolha do parceiro pode ser influenciada, entre outros fatores, pela forma que recebeu e construiu esse apego.

O trabalho apresenta alguns assuntos relacionados a construção do casal nos primeiros anos de casamentos (ciclo de vida familiar, o significado do casamento, diferenciação e mudanças de papéis, diferenças entre gêneros, os recursos da fratria, comunicação, intimidade e tempo juntos), além de apresentar o resultado das entrevistas para facilitar o entendimento e identificar as diferenças neste período.



## 2 OBJETIVOS

### 2.1 OBJETIVO GERAL

- ✓ Compreender as principais características da relação/formação do casal nos primeiros anos de casamento.

### 2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ✓ Identificar as facilidades do casamento;
- ✓ Identificar as dificuldades do casamento;
- ✓ Caracterizar os recursos do casal para o enfrentamento/negociação das dificuldades.

### 3 METODOLOGIA

Para atingir o que o presente trabalho se propõe optou-se por entrevistar três casais e realizar um estudo bibliográfico e exploratório, a fim de ampliar a compreensão do tema a partir da contribuição de diferentes autores.

O levantamento das referências bibliográficas foi realizado por meio de buscas de livros e artigos referentes ao assunto. Os casais participantes foram localizados por meio da rede de contatos da autora, que lhe apresentou o estudo e os seus objetivos.

Em relação aos critérios de inclusão/exclusão, foram definidos para inclusão de participantes no estudo: estar casado até três anos de casamento; podendo ou não estar em processo de separação conjugal. Não se restringiu a idade, ocupação, classificação socioeconômica ou quantidade de filhos.

Os participantes assinaram o termo de consentimento, localizado no anexo. A aplicação da entrevista semiestruturada foi individual, ou seja, mesmo se tratando de casais, cada membro respondeu de modo independente, sem a presença do cônjuge. Cada um não teve acesso às respostas do parceiro. Assim, a aplicação com cada cônjuge deu-se de modo sequenciado e independente.

#### 4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta pesquisa tem como embasamento teórico a abordagem relacional sistêmica. Pensar sistematicamente significa compreender os pressupostos epistemológicos (ou dimensão) da complexidade, instabilidade e intersubjetividade. A complexidade constitui perceber o fenômeno como uma teia de acontecimentos recursivamente interligados, afastando-se da ideia de explicá-los pela simplificação das relações de causa e efeito, ou seja, deixar de delimitar o objeto de estudo e compreendê-lo em seu contexto. A instabilidade compreende que um sistema está sempre em constante mudança e transformação e a intersubjetividade trata de reconhecer a impossibilidade de eliminar o ponto de vista do observador, aceitando múltiplas visões de um mesmo fenômeno ou seja, não existe um fenômeno acontecendo sem ser narrado por um observador (Vasconcellos, 2012).

Diante dessa teoria, entende-se que o ser humano se constrói a partir das relações dos sistemas, na qual ele está inserido. Os sistemas podem ser definidos como um complexo de interações e relações entre os elementos, distinguindo-se de um simples aglomerado de partes independentes uma das outras. As relações construídas no sistema familiar, contexto primário do desenvolvimento humano, são fundamentais e servirão como base para todas as relações futuras, assim também para os relacionamentos amorosos (Vasconcellos, 2012). De acordo com McGoldrick (1995), o casamento é a união de dois sistemas, carregados de padrões de relacionamento e funcionamento de cada cônjuge. Tudo o que se aprende no núcleo familiar em relação a tabus, expectativas, rótulos, atitudes e questões opressivas são transmitidos para as gerações seguintes. Os cônjuges não podem alterar o fato de serem quem são e isso se deve aos laços familiares constituídos na geração atual e outros formados ao longo de todas as gerações anteriores, sendo assim os casais precisam negociar as diferenças e aceitar novas implicações para o realinhamento do novo sistema. As decisões serão determinadas não mais por uma única base individual, mas pela junção do casal.

O ciclo de vida individual acontece dentro do ciclo de vida familiar, passando pelo casamento, nascimento e educação dos filhos, saída dos filhos do lar, aposentadoria e morte. Em cada momento desses, há um conjunto de tarefas desenvolvimentais distintas a serem realizadas por cada um dos membros da família, uns em relação aos outros. Conforme McGoldrick (1995), as suposições acerca da “normalidade” em torno da noção de família e ciclo de vida devem ser repensadas diante de tantas mudanças que aconteceram nas últimas décadas, o aumento do número de divórcios, recasamento, diferenças entre masculino e

feminino, entre outras. Além disso, é importante levar em conta a variabilidade cultural, crenças, mitos, contexto social, econômico e político para diferenciar a maneira como cada família irá administrar as transições de um evento a outro. Partindo desse pressuposto, conceitualizar as transições do ciclo de vida permitem ao terapeuta reconhecer as diferenças e prepará-lo para ajudar a família a entender o momento que está passando. Mostrar que há grande variação em relação as mudanças e transições de cada família e que o mais importante não é comparar a estrutura e o curso de ciclo de vida com as demais. É inconveniente querer estabelecer um padrão de normalidade sobre os relacionamentos, o interessante é investigar se o tipo de relação possui alguma utilidade de desenvolvimento para os cônjuges, muito mais importante que apenas adaptar-se a situação (Mengui, 1995).

O ciclo de vida da família pode ser dividido em seis estágios, conforme Carter e McGoldrick (1995), a seguir: Saindo de casa: jovens solteiros; A união de famílias no casamento: o novo casal; Famílias com filhos pequenos; Famílias com adolescentes; Lançando os filhos e seguindo em frente e Famílias no estágio tardio da vida.

O primeiro estágio, *Saindo de casa: jovens solteiros* é caracterizado pela saída do filho de casa, a fim de construir a sua própria família. É a fase da diferenciação, na qual o jovem escolhe, mesmo que involuntariamente, os ensinamentos que quer levar e aqueles que deixará para trás. Tanto os pais como os filhos precisam se comprometer para reconhecerem seus novos status e se reconectarem de uma maneira nova (Carter e McGoldrick, 1995).

*A união das famílias no casamento: o novo casal*, referente ao segundo estágio significa a junção de dois indivíduos provenientes de famílias diferentes e a consequente formação de um terceiro sistema. Uma das mudanças no padrão de ciclo de vida, referente a esse estágio está relacionada ao papel feminino. Há pouco tempo atrás a função central da mulher e, muitas vezes única, era ser mãe e esposa. Responsabilidade somente para com os filhos, casa e família. Atualmente o ciclo maternidade está mais curto e as mulheres estão conseguindo transferir seus objetivos pessoais para fora do âmbito familiar. Diante disso, alcançar o estado conjugal poderá ser adiado quando a preocupação da mulher está dividida em obter também sucesso profissional (Carter e McGoldrick, 1995).

A mudança para o estágio *Famílias com filhos pequenos* requer que os adultos avancem uma geração e tornam-se cuidadores de uma geração mais jovem. Além dos avós passarem para uma posição secundária, em que podem permitir aos filhos serem as autoridades paternas principais. Nesta fase, os pais precisam colocar limites e exercer a autoridade necessária para com os seus filhos, porém pode acontecer de sentirem dificuldade por não terem paciência em permitir que seus filhos se expressem à medida que se

desenvolvem. É neste momento que os cuidadores conciliam a disposição das responsabilidades e cuidado das crianças com as tarefas domésticas (Carter e McGoldrick, 1995).

*As famílias com adolescentes*, relacionada ao quarto estágio do ciclo de vida familiar, poderão sentir dificuldade em lidar com a transição do filho pequeno para o adolescente, principalmente pela ausência de rituais que facilitem essa passagem. Os pais precisam estar abertos e saberem administrar a entrada de novos valores e crenças que seus filhos irão trazer para dentro de casa, aprendidos em outros contextos. Além de reconhecer que seus filhos estabelecerão seus próprios relacionamentos e ajudá-los a criarem a sua independência, sem deixar de disponibilizar o apoio quando eles sentirem necessidade (Carter e McGoldrick, 1995).

*Lançando os filhos e seguindo em frente* é o mais longo de todos os estágios, pois é nele que ocorrem muitas mudanças: os pais podem estar preparando-se para a aposentadoria; membros estão entrando e saindo da família, os cônjuges e netos estão chegando e os pais mais velhos estão adoecendo ou morrendo; alguns procuram novas atividades de trabalho; troca da responsabilidade familiar com momentos de lazer (viagens, hobbies); estruturação do relacionamento conjugal por não terem mais responsabilidades paternas; entre outras (Carter e McGoldrick, 1995).

O último estágio, *Família no estágio tardio da vida*, é caracterizado pelo ajustamento à aposentadoria; pela perda de amigos, parentes e cônjuges; pela reorganização da vida sozinho e construção do papel de avôs (Carter e McGoldrick, 1995).

O ciclo vital, inserido no ciclo de vida familiar, é composto por diferentes fases em que o ser humano passa ao longo da vida, normalmente: o nascimento, a infância, a adolescência, a idade adulta, a senilidade e a morte. Ambos os ciclos, tanto o ciclo vital quanto o ciclo de vida da família são caracterizados por mudanças ao longo do tempo e exigem equilíbrio entre a estabilidade e a flexibilidade. Essas mudanças estão relacionadas com os períodos, de uma fase a outra, caracterizados por muita instabilidade até alcançar o estado de equilíbrio novamente (Cervený, 1998). É muito comum associar a transição das fases com a ideia de crise, por muitas vezes estar relacionada com dificuldade, tensão, ser um momento decisivo. Porém, essa transição é uma passagem, uma mudança de perspectiva e de funcionamento, podendo ou não se constituir como crise. O casamento, exemplo de uma nova fase, implica em uma transição em que o casal precisa descobrir alternativas disponíveis, a fim de minimizar ou não passar por uma crise. Contudo, alguns casais poderão procurar a

terapia durante essa passagem, pois nesse momento a família poderá ficar disfuncional e nem sempre ter informações para lidar com isso.

O objetivo da terapia não é simplificar e resumir a complexidade das transições de vida e nem fortalecer uma determinada forma de funcionamento, e sim aprofundar na diversidade e entender como elas funcionam (Cervený, 1998).

De acordo com McGoldrick (1995), alguns acreditam que o casamento é apenas a união de duas pessoas, mas esquecem que por traz deles existe dois sistemas inteiros. Cada cônjuge carrega uma história pessoal, e após a união, passam a serem responsáveis pela construção da conjugalidade, sem perder, entretanto, a sua autonomia. A dificuldade em estabelecer um relacionamento de casal, pode indicar, entre outras coisas, que eles estão ainda muito presos com suas famílias de origem e assim, fica difícil aceitarem novas implicações para o realinhamento do novo sistema. Nos casos de recasamento a dificuldade pode ser ainda maior pelo fato das vivências do primeiro casamento influenciar o sistema que se formou com a nova união. Assumir os cuidados paternos ou maternos por filhos que não são seus requer muita paciência, amor e sabedoria. As regras precisam ser reconstruídas e adaptadas a nova situação e os membros estarem de acordo com as mudanças (McGoldrick 1995).

A criação do novo sistema implica na formação de uma nova fronteira em torno do casal para conseguirem administrar todas as mudanças. De acordo com Minuchin (1982), as fronteiras definem a diferenciação de um sistema para outro, por meio de regras estabelecidas, tais como: quais são os membros e suas funções e papéis dentro do sistema, dentre outras. A entrada, por exemplo, de um novo membro, um esposo ou uma esposa, pode afetar o relacionamento com os pais, irmãos e amigos, e por isso é necessário negociar e estabelecer fronteiras desde o início (Carter & McGoldrick, 1995; Minuchin, 1982). Entende-se, então, que em qualquer relacionamento íntimo depara-se com outros relacionamentos significativos, dos quais precisa se diferenciar, tais como irmãos, parentes e amigos. É comum que os indivíduos adquirem como modelo os pais, tanto na construção da identidade como no relacionamento com o parceiro, porém não é possível estabelecer um novo relacionamento se antes não houver um processo de diferenciação com a família de origem (Ângelo, 1995).

O processo de diferenciação ajuda o casal a criar sua própria história e identidade, contudo as decisões, escolhas e comportamentos futuros dentro de um relacionamento são influenciados diretamente ou indiretamente, mesmo que inconscientemente, pelos tipos de vínculos que foram construídos com as principais figuras de apego desde muito cedo na vida de uma pessoa.

#### 4.1 TEORIA DO APEGO E A ESCOLHA DO PARCEIRO

O psiquiatra e psicanalista Bowlby (2002) criou a Teoria do Apego a partir da observação dos vínculos estabelecidos nas relações entre mães e bebês. Ele acredita que o apego está sempre presente em nossas relações e é manifestado em comportamentos e pensamentos relacionados à busca de proximidade em momentos de necessidade. De acordo com o autor, o desenvolvimento do apego inicia desde o nascimento e ao longo de toda a infância e permanece ativo durante todo o ciclo de vida, influenciando todas as relações interpessoais. O ponto chave dessa teoria é entender que, mesmo esse processo se dando na infância, o ser humano é capaz de recriar novos significados até o fim da vida, ou seja, os padrões de apego podem mudar com o tempo, devido a cada circunstância da vida: transição de vida, iniciar um relacionamento de apoio, entre outros. A capacidade de amar e ser amado de uma pessoa adulta pode estar relacionada à forma de como se estabeleceram os primeiros vínculos amorosos entre a criança e seus cuidadores (Bowlby, 2002).

A escolha de um parceiro parece refletir as histórias familiares de relacionamento de cada um, possivelmente, as questões mal resolvidas na família de origem serão levadas em consideração, contudo, busca-se encontrar um parceiro compatível com suas necessidades de reproduzir as relações primárias. Mesmo que, provavelmente, a escolha do parceiro esteja relacionada aos valores transmitidos pelas famílias de origem, não é possível concluir simplesmente que a decisão foi embasada apenas por esse fator. A atração pode vir a ser também por semelhanças, sejam nos valores, nas atitudes, opiniões ou até mesmo nas características físicas. O nível de diferenciação que a pessoa alcança pode determinar o grau de influência entre mito e crenças da família de origem e a sua autonomia de escolha. Além disso, quanto menos conflitos existentes, maior é a liberdade de escolha. (Bowlby, 2002; Carter & McGoldrick, 1995; Andolfi, 1995).

Homens e mulheres, geralmente, buscam por um companheiro inteligente, rico, gentil, fiel e bem apessoado, porém na prática esses critérios não influenciam diretamente na escolha, ou seja, tudo indica que o processo de encontrar alguém não é estratégico. (Johnson & Whiffen, 2012). Diante da liberdade de escolha, eles estão mais preocupados em assegurar que seus próprios recursos facilitem o encontro de um parceiro, afim de que satisfaça as suas necessidades e que alcancem o tão sonhado “felizes para sempre” (Cruz, 2006).

Após a escolha do parceiro, o casal não tem costume de refletir sobre o que fez com que tomassem a decisão de casar ou não e, algumas vezes não possuem consciência que

são influenciados por algum evento externo, como separação dos pais, morte inesperada, nascimento, doença, evento estressante. E eles nem percebem que a decisão foi acelerada em função desses eventos (Mcgoldrick, 1995).

No casamento, as escolhas baseadas nas crenças influenciam diretamente, mesmo que inconscientemente os comportamentos de cada um. Os casais podem mudar a natureza ou a qualidade de apego como forma de sobrevivência a novas situações, melhorando a sua capacidade de enfrentar e se fortalecer diante das adversidades. (Bowlby, 2002).

Para Bowlby (2002) as relações conjugais estão relacionadas com três sistemas comportamentais, o apego, cuidado e o sexo. Como reflexo disso, surge o ciúme, a tristeza, gratidão, raiva, afeição, ansiedade e o tédio. Diante tantos comportamentos, positivos ou negativos, o objetivo é que cada cônjuge procure o outro como forma de apoio. Contudo, normalmente, é fácil que o esposo ou a esposa se tornam insatisfeito com a constante solicitação de apoio ou o apoio insuficiente do outro.

Aqueles que vivem juntos harmoniosamente antes do casamento tendem a não terem grandes decepções, pois muitos fatores já foram discutidos e renegociados. (Bowlby, 2002; Carter & McGoldrick, 1995). Casais que conseguem conversar sobre assuntos delicados e desagradáveis tendem a um relacionamento seguro, ou seja, procuram apoio e conforto entre si. Já casais que evitam a raiva, choro e medo por acreditaram que não vão conseguir alcançar as suas respostas diante dessas emoções, tendem a se envolverem em relações inseguras. Casais seguros conseguem encontrar uma melhor regulação da intimidade para resolver seus problemas, enquanto os inseguros provocam um isolamento da intimidade. O que muitos parceiros não entendem é que o afeto negativo, seja medo, insegurança ou ciúmes, não é considerado disfuncional quando ele surge com o objetivo de adquirir uma resposta. O tornar-se exagerado esses comportamentos associados a sofrimentos psíquicos, por meio de ataques destrutivos e desqualificadores do parceiro, possibilitaria um comportamento de evitação e afastamento (Jhonson & Whiffen, 2012).

A atração sexual é um ingrediente importante para a escolha do parceiro e só se manterá acesa, não pela quantidade das relações e sim pela qualidade. Se o casal, mesmo em momentos de crise, conseguir manter esse desejo, reacende à vontade em permanecer juntos e a enfrentar o problema, já que ainda possuem atração um pelo o outro. Nos relacionamentos românticos a atração sexual é um fator de proximidade, sendo um dos aspectos mais importantes no início do relacionamento (Cruz, 2006).



Após a escolha do parceiro, era comum que o casal oficializasse o seu compromisso com uma cerimônia, contudo, atualmente o significado do casamento vem modificando e essa opção passou a não ser a única alternativa.

## 4.2 O SIGNIFICADO DO CASAMENTO

Na maioria das sociedades, falar em casamento era algo certo e rotineiro ao longo do desenvolvimento da pessoa, porém o significado desse evento vem mudando ao longo dos tempos. Essa mudança pode estar relacionada com a mudança no papel da mulher e a crescente diversidade da nossa cultura. Muitos estão preferindo viver juntos antes de casar ou viver com vários parceiros sem nenhum compromisso. Outros acabam casando cedo, motivados por diversas razões, podendo ser uma delas sair da casa dos pais ou adiar essa decisão por estar em conflito entre carreira e casamento. Além disso, podem escolher casar mais tarde por ter um exemplo negativo de casamento em casa ou simplesmente por preferirem viver sozinho. Ainda que esteja cada vez mais comum adiar o casamento, muitos ainda casam e tem filho antes dos trinta anos (McGoldrick, 1995).

McGoldrick (1995), afirma que os casais deveriam dar importância para o ritual de casamento, mesmo que simples e sem grandes festividades, mesmo aqueles que moram juntos há vários anos. A celebração pode ajudar o casal na transição e adaptação ao novo estágio de ciclo de vida, além de ajudá-los a entender melhor as futuras dificuldades dos próximos estágios.

A cerimônia de casamento já sofreu algumas mudanças, o que era tradicional e estático, hoje o casal pode criar da maneira que considerar melhor para a situação. Dentre algumas alterações, o culto religioso não é mais obrigatório, mudou o significado dos vestidos brancos, o uso do véu é uma escolha, flores na cabeça não é mais um ritual, entre outras (McGoldrick, 1995). Além disso, os casais precisam reconhecer que o casamento é um evento familiar e que as questões emocionais dos pais, em muitos momentos, terão que ser levadas em conta, mesmo que muitas das decisões relativas ao cerimonial serão tomadas pelo próprio casal. A influência emocional tende a ser maior quando o filho é único ou quando possuem apenas uma filha dentre os outros filhos. Alguns pais querem repetir suas histórias no casamento dos filhos, ou seja, celebrar com o mesmo formato de cerimônia em que escolheram para eles. Tem aqueles que, por não ter tido oportunidade enquanto jovem, gostariam de vivenciar isso com os filhos, mesmo que estes não tenham o sonho de organizar uma celebração (McGoldrick, 1995). A transição de tornar-se um casal é uma tarefa difícil, por acontecer no meio de um complexo de mudanças, porém muitos acreditam que o fato de oficializar casamento no papel significa que as dificuldades tornam-se pequenas e que a sensação de solidão desaparece. (McGoldrick, 1995; Minuchin, 1982; Cruz, 2006).

Diante disso, muitos casais estabelecem uma relação fusional, ou seja, um tem com relação ao outro, expectativas muito altas, causando sofrimento e dor quando estas não são correspondidas. Contudo, é necessário pensar no casamento como um lugar de crescimento individual e não na intenção de moldar o outro de acordo com os próprios desejos. (Cruz, 2006). Não se pode assumir responsabilidades do outro, ou se sentir culpado pelo sentimento ou fracasso que não é seu, o cônjuge não tem culpa por não corresponder. Assumir a união como parceria e complementariedade evitaria diversas áreas de tensão e provocaria flexibilidade no relacionamento e na comunicação. (Mcgoldrick, 1995).

É muito comum as pessoas acreditarem que já oferecem carinho o suficiente para o outro e reclamam que recebem pouco. Para que consigam um bom entendimento, é necessário que haja companheirismo, respeitando o espaço individual, sem deixar que um saiba da vida do outro, das necessidades, conflitos e dos sentimentos. O maior desafio não está em encontrar um parceiro perfeito e sim construir o melhor relacionamento possível com aquela pessoa escolhida para amar para sempre (Cruz, 2006).

O que todos almejam, ao que tudo indica, é a busca pela qualidade de suas relações amorosas, porém para que isso seja possível, é necessário que o casal consiga se diferenciar da sua família de origem e entender que os seus papéis serão modificados e negociados com os demais membros. (Montoro, 2006)

#### 4.3 DIFERENCIAÇÃO E MUDANÇAS DE PAPÉIS

A partir do casamento, os papéis de todos os membros da família ampliada modificam e necessitam que novos relacionamentos sejam negociados. A partir disso, os cônjuges lidam com as suas famílias de várias maneiras diferentes. Alguns tendem a se emaranhar; outros rompem emocionalmente, há aqueles que mantêm contato, porém com conflito; e ainda os que tornam-se independentes e ao mesmo tempo mantêm laços carinhosos (Mcgoldrick, 1995).

Nos primeiros anos o casal passa por um período de adaptação, buscando encontrar a identidade conjugal. Nesta fase, exige de ambos muito comprometimento e paciência, pois se trata da construção de regras que darão suporte necessário aos imprevistos e acontecimentos que compõem o universo do casal. Trata-se de uma tarefa difícil, já que implica em renúncias e realização de muitas escolhas (Cruz, 2006).

Diante da exigência na busca da identidade conjugal, alguns casais podem ter dificuldades em manter e cultivar a amizade com pessoas solteiras, esquecendo que as mesmas fortalecem a sua independência, interesses e preferências individuais (Mcgoldrick, 1995).

Quando a complementaridade se torna negativa, ou seja, um desqualifica e anula o outro, pode-se afirmar que o relacionamento aniquila a identidade individual dos cônjuges, limitando o grau de liberdade e independência de cada um. A complementariedade precisa preservar a integridade própria, afim de que a união construa uma soma qualitativa e não anulativa (Risan, 2003).

O relacionamento do marido e da esposa não pode ser o único e mais importante, pois a cada dificuldade reagirá excessivamente a intensidade de discussões e brigas. Isso muitas vezes acontece, pois os casais consideram que a união deles deve suportar qualquer exigência emocional (Mcgoldrick, 1995).

Normalmente, em algum momento do relacionamento, os casais irão passar por desentendimento em relação a diferença entre os gêneros. Comportamentos, decisões e escolhas são diferentes para cada um deles.

#### 4.4 DIFERENÇA ENTRE GÊNEROS

A autoestima da mulher está relacionada com a capacidade de conectar efetivamente sua vida profissional com a vida doméstica. Em geral, elas estão muito preocupadas em satisfazer as outras pessoas, colocam suas necessidades em segundo plano e, não raro, possuem dificuldade em lidar com rompimentos nos relacionamentos íntimos. Já a auto estima do homem está relacionada com o seu desempenho em várias áreas da vida, como: sucesso no trabalho, desempenho sexual, experiências de valor social, dinheiro, acúmulo de status e poder. Eles, na maior parte das vezes, fogem da possibilidade de sentirem-se incapacitados, fracos ou desamparados. Diante disso, reprimem suas emoções, negam a dependência e se protegem ao máximo da intimidade (Papp, 2002).

A grande diferença entre homem e mulher está na maneira de agir quando estão tristes ou deprimidos: geralmente, as mulheres buscam o aconchego e a intimidade do parceiro, já os homens relutam em compartilhar seus sentimentos, privando-os de aceitar o apoio e conforto que poderiam receber de suas companheiras. Fica claro, diante um problema, que o homem tende a ser mais racional, de buscar uma solução construtiva, e a mulher

procura pela interação verbal e pelo compartilhamento de seus sentimentos. Em geral a mulher é mais sentimental e procura mais dialogar, já o homem é mais racional e objetivo (Papp, 2002).

Em algum momento do relacionamento os casais irão passar por discussões e descobertas em relação as suas diferenças. Há, em geral, muitas informações a serem desvendadas sobre o outro pelos mais diversos conceitos, como: casamento, filhos, trabalho, família, crenças, educação, papéis dos gêneros, entre outros. Cabe a cada cônjuge perceber que a diferença de cultura entre ambos pode estar desencadeando um conflito e, assim entender como o outro observa a situação, aumentando o respeito e o comprometimento entre eles. Após a consciência de cada realidade, os mesmos podem criar uma terceira cultura, a cultura da sua nova família (Risan, 2003).

A diferença entre homem e mulher sempre irá existir, ambas são necessárias e não podem fundir-se numa só. É fundamental que os casais consigam estabelecer entre elas as suas interações, fazendo-se valer mutuamente uma da outra. As singularidades não podem ser motivos de dominação de um sobre o outro, pelo contrário, devem constituir um espaço de crescimento de troca e aprendizado. Além disso, o casal precisa estar atento para alguns fatores importantes que influenciam o bom desenvolvimento da relação, a seguir: preocupar com as necessidades emocionais do outro; respeitar o outro tal como é; interessar pela vida e desenvolvimento do outro; adquirir conhecimento de si mesmo, do outro e do vínculo amoroso constituído e perceber sua individualidade (Risan, 2003).

A singularidade e diferença entre eles não ficam restritas apenas na questão do gênero. Cada cônjuge possui uma experiência ou a falta dela em relação ao convívio da fratria. Isso significa que a posição que cada um ocupa na fratria e tudo que a envolve pode influenciar no novo sistema.

#### 4.5 OS RECURSOS DA FRATRIA

O convívio familiar é um sistema complexo de interações, nem todas com a mesma intensidade e frequência, porém com grande probabilidade de um comportamento influenciar a resposta do outro. Entre irmãos, muitas vezes, a competição, a influência e as interações são de grande amplitude. Eles querem chamar a atenção dos pais, além de almejem um papel de destaque na família. É importante ressaltar que a posição que o

indivíduo ocupa na fratria pode influenciar a escolha do parceiro e facilitar ou dificultar o convívio após o casamento (Ostyn e Fourez, 2000).

As relações fraternas constituem uma aprendizagem essencial para a vida conjugal, sendo que muitas vezes comportamentos relacionais entre os irmãos se repetem mais tarde no seio do casal. Os filhos mais velhos quando casam com outros filhos mais velhos tendem a assumir mais responsabilidades. Um caçulo, acostumado a seguir os outros, provavelmente irá se apoiar no seu parceiro, caso este ocupe o lugar do primogênito. Via de regra, a ampliação da fratria questiona menos as relações e as regras (Ostyn e Fourez, 2000).

A irmã mais velha de um irmão mais jovem tenderá a entender-se melhor com um irmão mais jovem de uma irmã mais velha e por outro lado, a irmã mais velha de dois irmãos provavelmente apresentará dificuldade no relacionamento com o irmão mais velho de duas irmãs. Isso acontece por estarem acostumados a ocuparem um determinado papel na sua família de origem. Filhos mais velhos tendem a terem suas ordens aceitas em casa, enquanto os mais novos tendem a acatarem as decisões. Muitos desses comportamentos são inconscientes, não percebem que estão agindo de uma determinada maneira por estarem inseridos num contexto que exigem deles essas ações (Mcgoldrick, 1995).

A rivalidade e o sentimento de injustiça entre os irmãos costumam serem frequentes, e a intensidade dessas emoções podem estar relacionadas com a diferença de idade entre eles. O primogênito, primeiro filho do casal, já nasce com o peso de carregar facilmente postos de responsabilidade. O segundo filho se apoia no primogênito, mesmo este o tratando mal ou bem. Os filhos que ocupam a posição “do meio”, em geral sentem-se frustrados, sem saber como chamar atenção dos pais; possuem dificuldade para se diferenciar, facilidade em ser o mediador dos conflitos e tem uma preocupação de solidariedade. O caçula, o último filho, ocupa um lugar especial, depositário de um maior sentimento de lealdade em relação a sua família. É o protegido dos pais e terá uma maior dificuldade em deixar o “ninho”. O filho único não tem a experiência da relação fraterna, e assim carrega toda a expectativa dos pais e as delegações transgeracionais (Ostyn e Fourez, 2000).

O sexo dentro da fratria também pode influenciar os hábitos relacionais, principalmente quando há somente irmãos ou irmãs, desenvolvendo características mais masculinas e femininas respectivamente. A desconfiança ou a atração muito forte pelo sexo oposto podem ser consequências desse tipo de fratria (Ostyn e Fourez, 2000).

É importante ressaltar que a generalização é desnecessária, já que cada filho pode oferecer uma possibilidade de relação particular, independente da sua posição da fratria. Mesmo recebendo a mesma educação, qualquer um dos irmãos pode questionar ou mesmo

rejeitar as regras, provocando reações de angústias ou de admiração por todos da família. (Ostyn e Fourez, 2000).

Um dos melhores recursos para enfrentar as diferenças de gênero e posição de fratria é construir um espaço para dialogar. A diversidade sempre irá existir, porém quando bem administrada ela garante um relacionamento de aprendizagem e desenvolvimento.

#### 4.6 COMUNICAÇÃO

A comunicação é um dos pontos mais importantes no relacionamento. Os parceiros precisam conversar sobre receios, angústias e apontar o que não estão gostando. Porém a insegurança e o medo de que essas opiniões não deem certo ou que o parceiro não irá entender, pode dominar o casamento. A tentativa de fazer as dificuldades parecerem imperceptíveis, muitas vezes, aumenta a probabilidade de futuras explosões. Por outro lado, a comunicação e a exposição facilitam o entendimento das reais necessidades, prioridades e exigências de cada (Mcgoldrick, 1995; Minuchin, 1982).

O significado da transição de namorados para marido e esposa pode carregar uma pesada responsabilidade de eu “não posso errar”, “Eu não posso mais pensar como antes” ou “O que ele vai pensar se eu me comportar dessa maneira? ” (Mcgoldrick, 1995). Diante disso, em muitos casos, o diálogo entre os membros cristaliza-se em torno dos problemas que enfrentam e a conversa torna-se limitada. Cabe a cada um respeitar os costumes, a individualidade e crenças do outro para conseguirem, a partir de conversas abertas, criar um sistema saudável (Cruz, 2006).

Muitos dos conflitos podem surgir a partir de uma falha de comunicação, contudo não é o único fator. Os conflitos que os casais enfrentam com as famílias de origem costumam ser mais sérios e preocupantes nos primeiros anos de casamento. Geralmente, desenvolvem brigas apoiadas em justificativas de sua educação e deixam de lado os afetos e os carinhos que motivaram a união da relação. Estas brigas são difíceis de resolver caso o casal não consiga lembrar e resignificar os valores que construíram juntos. A situação torna-se mais difícil ainda quando as vozes internas, construídas socialmente por meio de outros relacionamentos, começam a interagirem com as vozes do cônjuge. Cada indivíduo aprendeu de forma diferente um conjunto de maneiras para lidar com cada circunstância e quando confrontada com outras possibilidades o casal precisa construir outras singulares formas diante do seu relacionamento..

A comunicação aberta é um dos principais fatores a facilitar a contínua revisão do que já foi combinado. É importante que os cônjuges tenham consciência que eles precisam de flexibilidade para revisar seus padrões de acordo com as mudanças da realidade, promovendo um melhor relacionamento conjugal (Montoro, 2006).

Quando o casal consegue estabelecer uma comunicação saudável, normalmente encontram o desafio da intimidade e do tempo que estão juntos. É necessário encontrar um ponto de equilíbrio, respeitando a individualidade de cada um sem deixar de estar presente e oferecer apoio.

#### 4.7 INTIMIDADE E TEMPO JUNTOS

A regulação da intimidade é um desafio para o relacionamento conjugal, relacionado tanto a grandes alegrias quanto a grandes conflitos. As maneiras de lidar com a intimidade diferem ao longo do ciclo vital. Se no início, geralmente está pautada em temas como ciúmes, na velhice temas como tédio e abandono são mais frequentes. O casal precisa encontrar um ponto de equilíbrio, entre a fusão e a diferenciação. Muitos cônjuges sentem-se sozinhos mesmo assistindo, juntos, televisão todos os dias, pois a intimidade não está relacionada com a presença física (Montoro, 2006).

Diante do apoio emocional e instrumental, o primeiro costuma ter uma maior participação no âmbito da intimidade. A solicitação de uma ajuda prática, através do apoio instrumental, se pode adquirir por indivíduos que não tenham uma relação amorosa, por outro lado, receber cuidado quando o assunto se refere a emoções e sentimentos, raramente pede-se consolos para desconhecidos, ao invés disso, busca-se por alguém com laço afetivo (Montoro, 2006).

O casamento possibilita o desnudamento de um perante o outro e a intimidade só se desenvolve através da abertura que estes vão estabelecendo na relação. A reciprocidade é um fator importante nos casamentos, pois se caracteriza pela troca permanente de afeto, carinho, renúncia e consideração. A entrega só faz sentido quando tem como contrapartida o mesmo comprometimento. Não é na ausência de conflitos e tensões que determina a qualidade da relação, mas a maneira como estes são enfrentados e resolvidos (Risan, 2003).

Tempos atrás a proximidade dos casais era mínima, vivendo longos períodos distantes, ou pelas exigências do trabalho ou pelas circunstâncias da situação. Hoje em dia, há uma maior diversidade de opções que o casal pode escolher em se adaptar. Uns preferem estar



mais tempo juntos, outros preferem uma maior independência, existe aqueles que irritam-se com a lentidão do outro e assim por diante. A questão do tempo, juntamente com a comunicação, torna-se um maior problema quando desencadeia outros, como por exemplo, a falta de confiança ou a dificuldade em ter intimidade. Por outro lado, o tempo pode ser um poderoso recurso de transformação quando bem administrado. Os casais precisam perceber que suas diferenças de horários podem ser complementares, tornando-se úteis para o relacionamento, ou seja, há necessidade de entrarem em acordo (Papp, 2002).

Quando a rotina do casal permite um maior distanciamento, ou pelas viagens de trabalho, ou por excessivas horas de trabalho ou pelo desequilíbrio na divisão das tarefas domésticas, há uma tendência em desencadear discussões. A saída disso, é transformar as exigências da rotina em planos e estratégias para aproveitar o pouco tempo que resta juntos, já que o tempo dedicado ao trabalho dificilmente irá diminuir. É muito importante que o casal entre em consenso e renegocie os limites entre a vida familiar e o trabalho. Em geral, os casais até concordam no que eles querem e precisam fazer, mas entram em conflito em relação a frequência e velocidade que desejam fazer. É necessário escolher e estabelecer prioridades e isso implica em conversar abertamente, ou seja, expor claramente as necessidades de cada um, sem que possam se sentirem controlados ou rejeitados (Papp, 2002).

Casais em que um ou ambos já tiveram filhos em outros casamentos necessitam de grandes esforços para dividir seu tempo em trabalho, esposa, filho do primeiro casamento e filho do segundo casamento. Esta divisão pode desencadear conflitos que geram sentimentos de injustiça, em relação a quanto tempo passar com cada um (Papp, 2002).

Muitos outros aspectos das relações conjugais poderiam ser abordadas neste estudo, mas fugiria à alçada e ao volume deste trabalho que não tem tal pretensão, então optou-se por restringir e abordar apenas os aspectos que foram considerados até aqui.

## 5 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

### 5.2 ENTREVISTA COM O PRIMEIRO CASAL (ANA<sup>1</sup> – 33 ANOS E PEDRO<sup>2</sup> – 38 ANOS)

O casal se conhece desde 2010 por trabalharem na mesma instituição, porém em diferentes cargos e funções. A aproximação de ambos se iniciou em 2011, através de trocas de e-mails em relação a assuntos profissionais. O contato ficou mais frequente e ele a convidou para tomar um café juntos. Do café combinaram um jantar no apartamento dela e assim começaram a se conhecer melhor. O casal considera que o namoro se iniciou a partir desse jantar. Segundo Ana, eles vão completar cinco anos entre namoro, noivado e casamento. Pedro responde diferenciando o namoro do noivado: dois anos de namoro e dois anos e meio de casados. Ambos decidiram morar juntos a partir de abril de 2013 e ficaram noivos em novembro de 2013. Casaram-se em abril de 2015.

A decisão de morar juntos antes do casamento foi devida a compra conjunta de um apartamento. Ambos moravam sozinhos, ela em um apartamento próprio e ele no apartamento de seus pais. Venderam o apartamento dela, no intuito de comprar outro para os dois. Morando juntos, decidiram oficializar o relacionamento, tornando-se noivos.

Ana comenta que o seu pai pressionou um pouco a decisão do casamento, pois considerava que ambos já tinham condições para assumirem essa responsabilidade, tanto pela idade, como pela formação de cada um. Por outro lado, ambos comentam que a mãe de Pedro ficou com bastantes ciúmes na possibilidade de “perder para sempre” o seu filho. Contudo, a decisão foi realizada pelo casal, no tempo e da maneira que sempre planejaram, sem influência das famílias de origem.

Mesmo morando juntos antes do casamento, Pedro e Ana, acreditam que o ritual da festa é muito importante para que o comprometimento e a responsabilidade tornam-se ainda maiores. Com a convivência Ana percebeu que o casamento precisa ser nutrido, diariamente, com paciência, carinho, respeito e principalmente muito diálogo. Pedro menciona sobre a importância do respeito com a individualidade de cada um e esse é um ponto que ele não negociaria dentro do casamento. Pedro não gostaria se Ana colocasse

---

<sup>1</sup> Trata-se de nome fictício.

<sup>2</sup> Trata-se de nome fictício.

limites para visitar seus amigos e familiares. Ana considera que a falta de respeito, a traição e violência são problemas difíceis de serem negociados.

Ana vem de uma família de pais separados, com muitas brigas judicialmente. O pai já foi casado por três vezes e teve um filho no último casamento. No momento está solteiro. A mãe não recasou, apenas teve alguns namoros não duradouros. Hoje os pais continuam não se comunicando, porém, os filhos mantêm contato frequente com eles. Ana possui lembranças positivas da infância, entretanto considera a separação dos pais um período bastante traumático pelas intensas brigas. É a filha mais velha, de duas irmãs, uma, dois anos, e a outra, sete anos mais nova.

Os pais de Pedro são casados há quarenta e quatro anos e apreciam muito a união da família. São em quatro membros, ele sendo o filho mais velho, e um irmão de dois anos mais novo. Pedro explica que foi por essa intensa proximidade entre eles, que a mãe teve dificuldade de aceitar o casamento e entender que uma nova integrante estava entrando nesse quarteto. Ele comenta que não consegue lembrar-se de acontecimentos tristes da infância, somente momentos de muita felicidade e união.

Em geral, o relacionamento de Ana com a família de origem de Pedro e o relacionamento dele com a família de origem dela é agradável. Ana comenta que Pedro precisou se posicionar mais com a família dele, para que o casamento desse certo. O casal concorda que existe um respeito com as diferenças e um cuidado em não ultrapassarem os limites de cada um. Eventos reunindo as duas famílias são bem raros, porém o casal consegue manter contato fisicamente com as famílias de origem, pelo menos duas vezes ao mês, já que os pais de ambos estão morando no Rio Grande de Sul.

Pedro considera que a maior diferença entre as famílias é a maneira como cada uma demonstra o carinho que tem pelos filhos. Acredita que a família dele evidencia mais o querer estar junto e percebe que a família dela não exige essa cobrança. Para Ana, a diferença está na educação mais conservadora da família dele, enquanto a sua educação foi mais “moderna”. A semelhança das famílias de origem, para ambos, está no amor que os pais possuem pelos filhos.

O casal entende que a maior dificuldade no casamento está na compreensão das diferenças do outro. Ana se percebe mais emotiva e acredita que Pedro é mais racional. Ela explica que acha necessário conversar bastante antes de tomar qualquer decisão e ele parece ser mais objetivo. Já Pedro diz que a dificuldade em compreender a diferença do outro está relacionada com as diferentes manias de cada um. Ambos concordam que o lado favorável é a troca de carinho e o companheirismo. Ana complementa com a sensação de segurança, o

poder planejar objetivos juntos e dividir sonhos. Não tiveram nenhuma surpresa após o casamento, apenas foram adaptando-se as novas exigências do dia a dia.

O casal considera que a melhor maneira de resolver os problemas é conversando. Ambos concordam que Ana é muito mais emotiva e gosta de conversar bastante antes de resolver qualquer pendência e Pedro é mais objetivo e gosta de planejar cada passo.

## 5.2 ENTREVISTA COM O SEGUNDO CASAL (CLÁUDIA<sup>3</sup> – 25 ANOS E ANTÔNIO<sup>4</sup> – 35 ANOS)

Mesmo sendo primos de segundo grau não se conheciam e foi em uma festa de família que um tio em comum apresentou-os. Naquele momento, não tiveram a oportunidade de conversarem e de se conhecerem melhor, pois Cláudia estava interessada em outro homem. Após alguns dias, Antônio a convidou para o casamento da irmã dele e foi nesta festa que o casal considera o início do namoro, ela com 14 anos e ele com 23 anos. Cláudia responde que foram sete anos de namoro e noivado e Antônio arredonda para oito anos. Eles namoraram por muitos anos, pois Cláudia queria conquistar o diploma da graduação primeiro. O casamento foi realizado no dia 05/01/2013.

Cláudia lembra que não sonhava em casar, pois não tinha um bom exemplo dentro de casa, mesmo tendo pais ainda casados, porém aos poucos foi percebendo que poderia construir uma família da maneira e princípios que considerava certos. A família de origem de Antônio exigia que o casamento fosse realizado de forma tradicional, igreja, festa e bastantes convidados. E assim foi feito.

A maior parte do namoro foi à distância, Antônio na cidade natal, na casa dos pais e Cláudia mudou de cidade para estudar. Um tio em comum tinha interesse em reformar a sua antiga casa, porém estava com medo de que outras pessoas roubassem os móveis, pois ele já estava morando em outro lugar. Dessa forma, ele ofereceu ao casal moradia na casa enquanto ela fosse reformada. O casal aceitou e organizaram a mudança de Antônio para a cidade de Cláudia. Ana comenta que devido a essa oportunidade e a necessidade de querer “fazer um teste”, moraram oito meses juntos antes do casamento. Por namorarem muito tempo a distância, ela sempre quis morar juntos antes do casamento para saber se ia dar certo. Antônio não concordava com isso, achava que não tinha necessidade, mas acabou aceitando. A casa já

---

<sup>3</sup> Trata-se de nome fictício.

<sup>4</sup> Trata-se de nome fictício.

foi reformada, porém continuam morando nela, pois investiram na compra de um terreno e não possuem condições de pagar o aluguel de outra casa. O tio concordou de eles ficarem morando em sua casa até conseguirem dinheiro suficiente para o aluguel.

O casal gostou muito da festa de casamento, porém não sentiram muita diferença após o evento. Cláudia conta que os agrados de Antônio, comportamentos para agradá-la, diminuíram um pouco e ele diz que passou para o time dos casados, referindo-se aos jogos de futebol na qual participa. Cláudia comenta que depois de casada se sente mais segura para alcançar objetivos pessoais.

Cláudia conta que nunca tinha pensado sobre os valores do casamento, mas acredita que a parceria, o carinho e a rotina compartilhada são fatores importantes para que o casamento dê certo. Antônio menciona que o mais importante é a construção de uma família. Cláudia não consegue pensar em nada que não seja negociável e possível de entrarem em acordo, até mesmo uma traição. Já para Antônio o único ponto de destruição no casamento, é a traição.

O pai de Cláudia é oito anos mais velho que a sua mãe. Estão casados até hoje, porém comenta que a troca de carinho não é frequente e que o seu pai muitas vezes é agressivo verbalmente com a sua mãe. Explica que é um casamento onde a sua mãe não tem voz ativa e o seu pai é muito conservador. Cláudia é a filha mais velha e tem uma irmã dez anos mais nova. Cláudia gosta de lembrar-se dos momentos que ficava com o seu pai e o acompanhava em tudo. Menciona que as brigas dos seus pais é a lembrança ruim da sua infância e prefere não detalhar sobre.

Os pais de Antônio são casados e comenta que também não costumam trocar muitos carinhos. Antônio afirma que o casamento dos seus pais é um exemplo para ele, somente não concorda com a maneira um pouco ríspida que um conversa com o outro. Antônio é o segundo filho mais velho, possui um irmão mais velho e duas irmãs mais novas. Comenta que a única lembrança ruim da sua infância foi quando o seu pai usava muito o banco para pagar as dívidas. Foram muitos momentos de tensão e preocupação. Acrescenta que a sua família é ótima e não tem do que reclamar, diferentemente da família ampliada que possui muitas intrigas e fofocas.

Antônio considera a sua relação com a família de Cláudia ótima, até mesmo considerando-se o filho que eles nunca tiveram. Cláudia sente que tem uma relação um pouco conturbada com o seu sogro, pois possuem opiniões diferentes e ele é muito explosivo. Ele não concorda com o fato de que o casal precisa esperar Cláudia terminar o mestrado para

poderem organizar o nascimento do neto. Complementa que sua sogra é um amor, mas que não costuma falar muito.

O casal continua mantendo o contato com as famílias, ambas opinam e ajudam no limite necessário, sem exceder. Antônio comenta que grande diferença entre as famílias está na ênfase que cada uma deposita na importância dos estudos. A Família de Cláudia apoia a sua formação e incentiva cada vez mais, por outro lado, a família de Antônio acredita que é o trabalho que traz garantia do sucesso e não o estudo. Cláudia considera a sua família mais acolhedora, mas também mais controladora: exige a presença do casal a todo o momento. O casal não conseguiu identificar nenhuma semelhança entre as famílias.

A maior dificuldade para Cláudia no casamento é entender o ritmo e a demanda do seu parceiro. Às vezes ele necessita de mais carinho e ela está focada nos estudos, ou ela quer relaxar um pouco e ele quer fazer algo mais agitado e assim por diante. Antônio se incomoda com a bagunça de Cláudia. Até ela chegar em casa está tudo organizado, mas depois disso não dá conta de colocar as coisas em ordem.

Ambos consideram que o casamento se torna agradável por ter alguém em quem confiar e compartilhar as responsabilidades. Cláudia considera que a sua vida é muito melhor casada do que solteira e Antônio ficou surpreso pela dedicação dela com os estudos, avaliando ser um exagero.

O casal lida da mesma maneira para tomarem alguma decisão. Os dois gostam de analisar a situação primeiro à serem impulsivos. Muitas vezes demoram a ter iniciativa, porém a decisão é sempre conjunta. Para assuntos operacionais (casa, carro, dívidas, consertos em geral) Antônio é mais prático e consegue resolver prontamente, porém para assuntos de relacionamento é Cláudia que consegue administrar melhor. Cláudia comenta que Antônio reclama que ela o critica na frente dos outros, e ele complementa que ela não gosta do tom de voz dele quando estão discutindo algo. Concordaram em apontar as insatisfações um para o outro sempre que acharem necessário. Acreditam que o diálogo é a melhor solução para qualquer problema e imprevisto.

### 5.3 ENTREVISTA COM O TERCEIRO CASAL (FABIANA<sup>5</sup> – 29 ANOS E TOBIAS<sup>6</sup> – 35 ANOS)

---

<sup>5</sup> Trata-se de nome fictício.

<sup>6</sup> Trata-se de nome fictício.

O casal se conheceu em uma balada há oito anos e desde então estão juntos. Fabiana responde que foram cinco anos de namoro e noivado e Tobias faz distinção entre os períodos, 3 anos de namoro e dois anos de noivado. O casamento foi realizado em julho de 2013.

Fabiana comenta que tem uma filha de outro relacionamento, não casou e tinha um namoro complicado com brigas e agressões físicas e verbais. Tobias sempre soube da filha e tudo o que Fabiana passou.

A decisão do casamento deu-se pela vontade de estarem juntos. O casal concordou em não morarem juntos antes, porém devido a demora da entrega do apartamento que compraram, houve a necessidade de morarem na casa da mãe de Fabiana por sete meses. Ambos comentaram que esse período foi muito difícil, pois não conseguiam construir a identidade do casal, por terem que seguir regras dos pais de Fabiana.

Após a festa do casamento Fabiana comenta que teve muita dificuldade em se adaptar as mudanças. Foi difícil organizar a rotina doméstica e compartilhar essa responsabilidade com Tobias. Ele considera que as responsabilidades aumentaram, deixando de serem filhos e tornando-se pais.

Fabiana acredita que a lealdade, cumplicidade, amor e família são os fatores principais de um casamento. Tobias considera que o companheirismo é o fator mais importante. Fabiana não admite mais a falta de respeito e agressão, já passou por isso e agora torna-se algo não negociável. Por outro lado, Tobias considera que não tem nada que não seja negociável, tudo é questão de conversar a respeito.

Fabiana considera que o casamento de seus pais é sólido, vivem brigando, mas é perceptível o quanto se amam. Complementa que as coisas têm que ser sempre do jeito da sua mãe, é bem faladeira e é sempre a que toma a decisão. Fabiana é a filha do meio, tem um irmão mais velho e uma irmã mais nova. No momento está sem falar com o seu irmão, pois houve um desentendimento entre ela e a cunhada. Lembra que quando criança tinha raiva da irmã mais nova, pois sempre foi protegida por ser mais frágil e possuir problemas de saúde. Somente hoje consegue entender a situação. Comenta de lembranças boas da família reunida e de brincadeiras com os irmãos. Não conseguiu identificar nenhuma lembrança ruim da infância.

Para Tobias o casamento dos seus pais é um exemplo para ele, sempre foram bem tranquilos. É filho único e não conseguiu identificar nenhuma lembrança significativa, tanto boa como ruim. Comenta que sua relação com os seus pais era agradável, porém com opiniões diferentes. Admite que é difícil de convencer ele do contrário quando considera que

está certo. Gosta de conversar, e pode ficar conversando por horas, porém a pessoa precisa querer resolver a situação, do contrário, não adianta o esforço.

Ambos concordam que a relação deles com as famílias de origem é tranquila, administrada mais pelo respeito do que pelo sentimento de afinidade e carinho. Fabiana diz que os pais dele consideram a sua filha como neta. Concordam que a convivência na casa dos pais de Fabiana foi muito difícil, e que agora a convivência esporádica fez muito bem para o relacionamento de todos.

Fabiana acredita que a maior semelhança entre as famílias é o amor dos pais para com os filhos, já Tobias não conseguiu identificar nenhuma semelhança, porém concordaram que a maior diferença está na educação que receberam de seus pais. Tobias teve a criação mais liberal e Fernanda mais conservadora. E ela complementa que os pais dele respeitam e aceitam mais as decisões do casal.

Para Tobias a parte mais difícil do casamento é administrar as dívidas e para Fernanda é conseguir igualar a divisão das tarefas domésticas, além de respeitar o ritmo e necessidade do outro. O casal concorda que o companheirismo ajuda muito na superação das dificuldades e Fabiana complementa que o amor, cumplicidade e a união são fatores importantes também.

Todos os problemas e imprevistos são resolvidos com muita conversa. Fabiana se considera mais explosiva e percebe que Tobias é mais tranquilo. Tobias comenta que Fabiana prefere dormir para resolver a pendência no dia seguinte e ele quer resolver na hora. Fabiana reclama do tom de voz dele e ele reclama da falta de paciência dela em conversar. Admitiram que a solução só é alcançada quando os dois estão tranquilos e aceitam conversar.



## 6 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Embora cada família tenha suas peculiaridades com relação as diferentes dificuldades e possuem distintas expectativas, atualmente os casais estão menos forçados por padrões familiares e mais livres para escolherem relacionamentos diferentes daqueles modelos de suas famílias de origem. Conforme o autor Ângelo (1995), os indivíduos estão mais preocupados em satisfazer suas necessidades a ter que agradar exigências dos familiares ou amigos. Os três casais entrevistados não sofreram influencias de forma consciente, pois suas escolhas foram de encontro as exigências das famílias de origem. Porém, possivelmente, se o cônjuge escolhido estivesse muito fora das expectativas familiares, é provável que isso gerasse sentimento de rejeição com relação ao parceiro escolhido. Além disso, seus parceiros ou parceiras tem um bom relacionamento com as famílias de origem. A relação é tão saudável, que um dos genros é considerado como filho. A influência das famílias de origem, conforme a história dos entrevistados, deu-se por outros motivos, como o ciúme da mãe em ver o seu filho casar, a pressão em adiantar o casamento, o formato de cerimônia, e principalmente o exemplo de casamento dos pais.

De acordo com McGoldrick (1995), o casamento é a união de dois sistemas, sendo que todas as situações vividas e observadas serão levadas como um exemplo a seguir ou a não seguir. A partir do modelo do casamento dos pais, os filhos tendem a escolher quais os comportamentos serão repetidos e quais serão recriados. Essa teoria comprovou nas entrevistas, por todos os entrevistados, homens e mulheres. A entrevista do casal 1 e casal 2 relataram que não pensavam ou não acreditavam em casamento, já que não tiveram um bom exemplo dentro de casa. Uma delas tem os pais separados desde adolescente e a outra os pais continuam casados. O que os entrevistados mais prestam atenção no casamento dos pais é a forma como cada um lida com o seu parceiro, como troca de carinho e a maneira de conversar com o outro. Mencionam que gostariam de fazer diferente dos seus pais, exercendo o diálogo e o carinho com mais frequência.

Homens e mulheres, geralmente, lidam de maneira diferente diante de um problema a ser enfrentado, possivelmente elas buscam conversar primeiro e eles querem resolver logo. Enquanto as mulheres preferem compartilhar as suas angustias e sentimentos, os homens tendem a relutar e demonstrar que são fortes o suficiente para dar conta da demanda (Papp, 2002). Essa diferença foi percebida por dois casais, sendo que a mulher do casal 1 identificou que o fato de ela se considerar mais emocional e o marido mais racional,

torna-se a principal dificuldade no relacionamento. Apenas o casal 3 demonstrou funcionar diferente, sendo ele a priorizar a conversa e ela não ter paciência para isso. No conteúdo das respostas às perguntas é possível perceber a forma mais detalhada das mulheres e a forma sucinta dos homens. Contudo, os três casais concordaram que o diálogo é a melhor maneira de resolver os problemas, mesmo que um ou outro tenham dificuldades para isso. Além disso, aqueles que não costumam conversar, solicitam aos seus parceiros que os ajudem a conduzir a situação mais emocionalmente do que racionalmente, ou seja, com mais conversa.

A gestão de comunicação entre os casais é um fator extremamente complexo e delicado, porém infinitamente produtivo para um bom relacionamento. É nesse contexto que a terapia, com muito cuidado e gradativamente, poderá auxiliar muitos casais, na tentativa de ajudá-los a desvendar tabus existente entre eles e a desconstruir a repetição compulsiva de padrões que não estão dando certo. O objetivo é ampliar a consciência com novos significados para novas tentativas de mudanças (Marum, 2006). Diante das entrevistas, percebe-se que até o momento os casais têm encontrado um no outro uma forma de apoio e maneiras para conversar e compartilhar sentimentos.

As relações e as posições fraternas podem influenciar futuramente a vida conjugal, porém concluir isso como regra fixa descartaria as inúmeras possibilidades de relações do novo casal (Ostyn e Fourez, 2000). O casal 1, ambos ocupam a posição de filho primogênito, ela com irmãs e ele com irmão, porém, conforme a situação um exerce maior liderança que o outro. Ela costuma dar ordens para assuntos do relacionamento e ele para contextos operacionais, como atividade doméstica, contas para pagar e manutenção da casa. No segundo casal, ela filha mais velha e ele filho do meio, eles preferem analisar a situação em conjunto para depois poderem decidir. Contudo, ele admitiu que no final é ela que “manda”. O terceiro casal, ele filho único e ela a filha do meio, possuem mais dificuldade em resolver as pendências. Ela tem dificuldade de impor a sua opinião e conversar sobre o que não está satisfeita e, por outro lado, ele tem uma opinião difícil de ser negociada. Conforme o autor Ostyn e Fourez (2000), os filhos que ocupam a posição do “meio”, em geral possuem opiniões neutras, sem compartilhá-las e o filho único tende a cristalizar seus julgamentos e conceitos por não ter tido a oportunidade de dividir com outros irmãos. O casal 3 teve dificuldade nos primeiros meses de casamento, sendo que ela precisou procurar terapia.

Dos três casais entrevistados, apenas o casal 3 resolveu não morar juntos antes do casamento, sem nem cogitar essa opção. Os demais, por questões externas, a compra conjunta de um apartamento e oportunidade de não pagar aluguel, optaram por antecipar a união. A adaptação do casal que moraram juntos antes do casamento com a família de origem da

mulher, pareceu ser mais difícil se comparada com os outros casais. Trata-se de uma situação que as regras já estão preestabelecidas, podendo dificultar a organização de novas regras do novo casal. De acordo com McGoldrick (1995), essa transição, tornar-se casal, é difícil por carregar várias mudanças e expectativas no relacionamento. O fato de oficializar o casamento já traz uma responsabilidade naturalmente, então casais que conseguem administrar as diferenças antes do evento, tendem a não terem grandes decepções e a superar as dificuldades com maior facilidade, pois muitos fatores já foram discutidos e renegociados.

O casal 1 precisou enfrentar a família de origem até entenderem que um novo sistema estava nascendo: entrada de um novo membro, novos papéis, novas fronteiras. De acordo com Minuchin (1982), é necessário negociar e estabelecer fronteiras desde o início, principalmente com aqueles que ainda estão muito presos com suas famílias de origem, seja pelo apoio emocional, financeiro, crenças, regras.

O casal 2 convive com uma diferença acentuada entre eles, sendo ela preocupada e envolvida com os estudos e ele não considerando como prioridade, além de não entender qual o motivo de tanto esforço. Nesse caso, o respeito e o interesse pela vida do outro precisam estar sempre presentes. Conforme Risan (2003), compreender a individualidade e tornar-se complementar é um esforço necessário para todos os casais, porém quando a diferença é identificada, o empenho precisa ser maior.

O casal 3 tem uma característica diferente dos demais, pois um dos membros possui uma filha de outro casamento. Mesmo que essa situação não trouxe nenhum problema aparente entre eles, é necessário um esforço maior para que essa demanda seja administrada sem conflitos. Conforme Papp (2002), essa condição pode desencadear sentimento de injustiça em relação a quanto tempo passar com cada um.

Nenhum dos casais entrevistados mencionou o tema atração sexual, nem como um ponto importante e nem como um fator prejudicial a relação. Talvez isso se deu pelo fato de serem casais recém-formados, além de não constar nenhuma pergunta na entrevista relacionada a esse tema.

As entrevistas não têm a pretensão de entrar em assuntos de maior profundidade por se tratar de um trabalho de conclusão de curso, então busca-se minimamente entender como os casais enxergam esses primeiros anos de relacionamento e quais as principais dificuldades enfrentadas nesse período de tornar-se dois.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do trabalho procuro contextualizar algumas questões relacionadas à vida de casal, sem a preocupação em estabelecer normalidades e patologias, já que não existe uma única forma de entender o casamento. Conforme a junção entre a teoria e as entrevistas, percebe-se que uma relação feliz se dá pela capacidade de compartilhar momentos, ideias, sentimentos e de acolher o outro com carinho, respeito e interesse. Além disso, os parceiros precisam assumir a responsabilidade por si e pela sua parte na relação, contribuindo assim para que ela cresça e se desenvolva.

Saber ouvir, compreender, se colocar no lugar do outro, preservar um espaço para a realização e possuir interesse verdadeiro pelo cônjuge é fundamental para um bom relacionamento. Além disso, o casal não pode se esquecer que carrega uma bagagem de rótulos, atitudes, expectativas, tabus e questões opressivas da sua família de origem e que tudo isso irá influenciar no seu relacionamento.

Como terapeuta com orientação sistêmica e após a conclusão deste trabalho, é possível perceber, mesmo com uma amostra pequena de entrevistas, que não existe um único modo de funcionar, não há uma padronização, sendo necessário identificar e entender como a diversidade funciona em cada sistema.

Portanto, proponho contribuir para encorajar os casais a conversarem sobre as suas experiências, medos e frustrações, a fim de desenvolverem soluções que implicam em enfrentar as dificuldades do dia a dia. Além de colaborar com os terapeutas para que eles possam incentivar seus pacientes a dialogar mais e inclusive ajudá-los a fazer isso.

## REFERÊNCIA

- Andolfi, M. (1995). *O Casal em Crise*. São Paulo, Summus.
- Angelo, C. (1995). A escolha do parceiro. In: Andolfi, M; Saccu, C. *O casal em crise*. (Silvana FinziFoá Trad., pp.47-57). São Paulo: Summus.
- Bowlby, J. (2002). *Apego: A Natureza do Vínculo*. (Vol. 1). São Paulo: Martins Fontes.
- Carter, B; Mcgoldrick, M. (1995). *As Mudanças no Ciclo de vida Familiar*. Uma estrutura para a terapia familiar. Porto Alegre: Artmed,.
- Cervený, C.M.O. (1998). *Família e Ciclo Vital: Nossa realidade em pesquisa*. São Paulo: Casa do psicólogo.
- Cruz, H.M. (2006). Com quantos fios tecemos nós? In: Colombo, S.F, *Gritos e Sussurros: Interseções e ressonâncias, trabalhando com casais*. (Vol. I, pp. 43-54). São Paulo: Vetor.
- Johnson, S. & Whiffen, V. (2012). *Os processos de Apego na Terapia de Casal e Família*. (Cila Ankier, Silvia Spada Trad.). São Paulo: Roca.
- Marum, D. (2006). Vivendo entre laços conjugais. In: Colombo, S.F, *Gritos e Sussurros: Interseções e ressonâncias, trabalhando com casais*. (Vol. I, pp. 171-188). São Paulo: Vetor.
- Mcgoldrick, M. (1995). A união das famílias através do casamento: o novo casal. In: Carter, B. & Mcgoldrick, M. *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. (2 ed., pp. 184-205). Porto Alegre: Artmed.
- Mengui, P. (1995). O casal útil. In: Andolfi, M; Angelo, C.; Saccu, C. *O casal em crise*. (Silvana FinziFoá Trad., pp. 58-66). São Paulo: Summus.
- Minuchin, S. (1982). *Famílias: funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes médicas.
- Montoro, G.C.F. (2006). A regulação da intimidade conjugal. In: Colombo, S.F, *Gritos e Sussurros: Interseções e ressonâncias, trabalhando com casais*. (Vol. II, pp. 107-142) São Paulo: Vetor.
- Ostyn, E.T.; Fourez, M.M (2000). *Os recursos da fratria*. Belo Horizonte: Artesã.
- Papp, P. (2002) *Casais em Perigo*. Novas diretrizes para Terapeutas. Porto Alegre: Artmed.
- Vasconcellos, M.J.E. (2012). *Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência*. São Paulo: Papirus.
- Risan, J. (2003). *Por que as pessoas se casam? – O sentido existencial da relação homem/mulher*. Recife: Ed. do Autor.

**ANEXO I - ENTREVISTA**

Nome:

Idade:

Data do casamento:

- 1- Há quanto tempo e como vocês se conheceram? Quanto tempo de namoro?
- 2- Como aconteceu a decisão de se casarem? Quem participou dessa decisão? Qual foi a opinião dos amigos e familiares?
- 3- O que estava acontecendo no seu núcleo familiar quando resolveram casar?
- 4- Moraram juntos antes de casar? Quanto tempo? O que mudou quando oficializou o casamento? Sentiram alguma diferença?
- 5- O que significa o casamento para você? Quais valores são importantes? O que não é negociável?
- 6- Como é o casamento de seus pais? Eles ainda estão casados?
- 7- Qual é a sua posição fraterna?
- 8- Como você enxerga a sua família nuclear? Quais lembranças de felicidade e de tristeza que você tem?
- 9- Como você avalia a proximidade da sua família com a sua família de origem?
- 10- Como é o seu relacionamento com a família da sua esposa/marido?
- 11- Como você enxerga a sua família e a família da sua esposa/marido? Quais são as semelhanças e as diferenças?
- 12- O que é a mais difícil e fácil na vida a dois? Quais foram as surpresas? O que vocês descobriram? Quais foram os ganhos e as perdas?
- 13- As dificuldades do dia a dia são resolvidas de que maneira? Como reagem diante algum problema?
- 14- Gostaria de complementar com mais alguma informação?

## ANEXO II - APRESENTAÇÃO DAS ENTREVISTAS EM TABELA

Casal 1: Ana (33 anos) e Pedro (38 anos)

Casal 2: Cláudia (25 anos) e Antônio (35 anos)

Casal 3: Fabiana (29 anos) e Tobias (35 anos)

<b>1) Há quanto tempo vocês se conhecem?</b>	
MULHERES	HOMENS
a) Desde 2010, mas ficamos em 2011	a) Desde 2009, mas ficamos em agosto de 2011
b) Desde os meus 14 anos (11 anos)	b) Eu tinha 23 anos (11 anos)
c) Há 8 anos	c) 8 anos

<b>2) Quanto tempo de namoro?</b>	
MULHERES	HOMENS
a) 5 anos em agosto de 2016 (namoro + casamento)	a) Desde 2011, 3 anos e pouco de namoro e o restante de casamento.
b) 7 anos e 11 meses. Comecei a namorar com 14 anos	b) 8 anos
c) 5 anos	c) 3 anos de namoro e 2 de noivado

<b>3- Qual é a data de casamento?</b>	
MULHERES	HOMENS
a) 25/04/2015	a) 25/04/2015
b) 05/01/2013	b) 05/01/2013
c) 20/07/2013	c) 20/07/2013

<b>4- Como foi a decisão de casar? Quem participou da decisão? Qual foi a opinião dos familiares e amigos?</b>	
MULHERES	HOMENS
A) Foi nossa a decisão. Teve cobrança da parte do meu pai e a mãe dele ficou bastante enciumada. Vendi o meu apartamento para comprar outro nosso.	a) Não teve planejamento, as coisas foram acontecendo: começamos a namorar em 2011, moramos juntos em abril de 2013, novembro do mesmo ano ficamos noivos. Minha mãe ficou com bastantes ciúmes.
b) Ninguém ficou contra. Eu que nunca quis casar, por não ter um bom exemplo em casa. Mas depois percebi que eu poderia fazer diferente.	b) Os nossos pais sempre exigiram que a gente casasse na igreja, tinha que ter festa e chamar os parentes.
c) Nós decidimos sem a opinião de ninguém.	c) Decidimos e depois avisamos para os outros.

<b>5- Moraram juntos antes de casar? Quanto tempo?</b>	
MULHERES	HOMENS
a) Sim, desde abril de 2013	a) Sim, desde abril de 2013 (noivamos em novembro) e nos casamos em abril de 2015
b) Sim, de abril de 2012 até janeiro de 2013, quando casamos (8 meses)	b) 9 meses antes. Começamos a morar juntos em março de 2012 e em janeiro do ano seguinte casamos.
c) Não. Somente na casa da minha mãe por 7 meses (questão do aluguel), mas decidimos fazer na sequência certa: noivar, casar. (sem morar junto antes)	c) Não. Nem cogitamos a ideia.

<b>6- O que mudou quando oficializou o casamento? Sentiram alguma diferença?</b>	
MULHERES	HOMENS
a) O ritual é importante, o comprometimento é maior e somente depois da festa que eu me senti realmente casada.	a) A responsabilidade e o respeito com a outra pessoa
b) Ele gostava muito mais de me agradar. Eu conquistei mais segurança.	b) Não mudou nada, só que agora eu sou do time dos casados.
c) O início foi extremamente difícil. Achava que ele não me ajudava por birra. Nossos horários são bem complicados. Consegui passar por essa fase com muita ajuda de terapia.	c) Mais responsabilidade. Deixamos de ter pai e mãe para tornarmos pai e mãe.

<b>7- O que significa casamento para você? Quais valores são importantes?</b>	
MULHERES	HOMENS
a) Tolerância, respeito, paciência, carinho, diálogo. O que dá certo é a conversa mesmo.	a) Respeito, respeitar a individualidade de cada um, liberdade do outro.
b) Nunca tinha parado para pensar. Parceira, rotina compartilhada.	b) construir uma família, foi amor a primeira vista.
c) Lealdade, cumplicidade, amor e família.	c) Companheirismo

<b>8- O que não é negociável no casamento?</b>	
MULHERES	HOMENS
a) Falta de respeito desde traição, ofensa e violência física e verbal.	a) Se ela colocasse limites para eu visitar meus pais e amigos. Se não houvesse a minha liberdade.
b) Antigamente era a traição, hoje eu vejo como uma culpa dos dois.	b) Traição.
c) A falta de respeito e agressão. Já vivi antes e não aceito mais.	c) Acho que não tem nada que não seja negociável. Acho que tudo se conversa.



<b>9- Como é o casamento de seus pais? Eles ainda estão casados?</b>	
MULHERES	HOMENS
a) Separados. Minha mãe não casou mais e teve poucos namorados duradouros. Meu pai casou mais 2 vezes. Agora está sozinho. Teve um filho no último casamento. Os dois não se falam mais e brigaram muito na justiça. Foram casados por 13 anos, eu tinha 12 anos quando decidiram se separar.	a) Casados desde 1972. Meu pai nunca foi de dar muito carinho, mas o casamento deles é um exemplo para mim. A Ana está me ensinando essa parte do carinho, acho legal.
b) Meu pai é 8 anos mais velho que a minha mãe. Ela casou com 16 anos. Meu pai não dá muito carinho, é um pouco agressivo.	b) São casados ainda. Nunca vi eles brigando. Às vezes um fala mais grosso que o outro. Vejo e tento fazer diferentes as coisas que eu não gosto
c) Um casamento sólido. As coisas têm que ser do jeito da minha mãe. Eles vivem brigando, mas dá para ver que eles se amam.	c) Um trilhão de anos. O casamento deles é tranquilo, é um exemplo para mim

<b>10- Qual é a sua posição fraterna?</b>	
MULHERES	HOMENS
a) Sou a mais velha. Tenho 2 irmãs, uma 2 anos e a outra 7 anos mais nova.	a) Sou o filho mais velho, tenho 1 irmão mais novo, ele tem 36 anos
b) Sou a filha mais velha, tenho uma irmã 10 anos mais nova.	b) Eu sou o segundo mais velho. Tenho um irmão mais velho e duas irmãs mais novas.
c) Eu sou a segunda, tenho um irmão mais velho e uma irmã mais nova.	c) Sou filho único

<b>11- Como você enxerga a sua família nuclear? Quais lembranças de felicidade e de tristeza você tem?</b>	
MULHERES	HOMENS
a) Tenho lembranças boas da infância. A mãe sempre foi presente. As brigas entre os meus pais são as lembranças ruins.	a) Eu e meu irmão fomos criados com muita independência, mas mesmo assim minha mãe demorou muito tempo para entender que eu estava casando. Nós 4 somos muito unidos, só tenho lembranças boas. Não tenho nenhuma lembrança ruim.
b) As lembranças ruins são as brigas dos meus pais e as boas são coisas que eu fazia com o meu pai (ele sempre quis um menino). Minha mãe sempre foi muito de conversar.	b) Tudo era bom. Única fase ruim foi quando o pai usava muito o banco para pagar as dívidas.
c) Lembrança ruim eu não tenho. O que eu gosto de lembrar de bom é a gente sempre junto.	c) Não tenho nenhuma lembrança significativa, era tranquilo, normal. Óbvio que às vezes discordávamos, mas nada trágico.

<b>12 – Como é o seu relacionamento com a família da sua esposa/marido?</b>	
MULHERES	HOMENS
a) É bom, mesmo com a crise de ciúmes da mãe dele. Pedro teve que se posicionar mais com a família dele para que as coisas pudessem dar certo.	a) Tranquilo. A mãe dela é mais jovem e adolescente e o pai dela é mais racional e de cobrar mais. Nos damos bem.
b) Minha sogra é um amor, não fala muito (tem que ficar puxando assunto). Meu sogro é extremamente explosivo. Minha relação com ele é meio conturbada.	b) No meu ponto de vista é tranquilo, 100%. Eu sou o filho homem que eles não tiveram.
c) Bom. Os pais dele tratam a Paula como neta	c) Eu acho que é tranquilo.

<b>13- Como você avalia a proximidade da sua família com a sua família de origem?</b>	
MULHERES	HOMENS
a) Bem próxima e sem problemas.	a) A frequência que nos encontramos com as nossas famílias está no limite, estou satisfeito.
b) Eu acho boa, pois meus pais me apoiam bastante. Estão sempre nos ajudando	b) É ótimo, é excelente. Eles palpitam um pouco, mas a decisão é nossa.
c) A convivência que tivemos na casa dos meus pais por 7 meses foi bem difícil, mas agora está ótimo, nós aqui e eles lá.	c) Relativamente boa. Sempre que dá visito meus pais.

<b>14- Quais são as semelhanças entre a sua família e a família da sua esposa/marido?</b>	
MULHERES	HOMENS
a) Afeto dos pais para os filhos.	a) Ambos os pais gostam muito que estejamos com eles
b) Não sei	b) Não sei
c) O amor para os filhos	c) Difícil responder, pois morar com a sogra por 7 meses não foi fácil.

<b>15- Quais são as diferenças entre a sua família e a família da sua esposa/marido?</b>	
MULHERES	HOMENS
a) A família dele é bem tradicional e a minha é mais moderna. Sou mais independente. É difícil para eles aceitarem que eu faço parte da família também.	a) A diferença é que os meus pais demonstram que querem que estejamos com eles e os pais dela nem tanto.
b) Minha família é mais acolhedora, mas também mais controladora (quer sempre que estejamos juntos). A família dele é de cobrar mais as coisas.	b) A família dela valoriza muito os estudos.
c) A família dele, eles respeitam mais as opiniões.	c) Minha criação foi mais liberal, não sei se é porque ela é mulher.

<b>16- O que é mais difícil na vida a dois?</b>	
MULHERES	HOMENS
a) Lidar com as diferenças. Ele é racional e eu emoção.	a) Entender as manias da outra pessoa
b) Estar em sintonia com o outro, entender o ritmo e a demanda do outro.	b) Eu não faço muita bagunça e a Cláudia faz.
c) A divisão das tarefas, respeitar o tempo do outro.	c) Hoje são as contas.

<b>17- O que é mais fácil na vida a dois?</b>	
MULHERES	HOMENS
a) Companheirismo, dividir sonhos, ter com quem contar, sensação de segurança, poder planejar juntos.	a) Troca de carinho, companheirismo.
b) Ter com quem contar, confiar	b) Estar ao lado dela sempre
c) Amor, cumplicidade, união, estar sempre junto, companheirismo.	c) Companheirismo.

<b>18- Tiveram alguma surpresa? Quais foram os ganhos e as perdas?</b>	
MULHERES	HOMENS
a) Não. Só ele passou de ser filho da mãe para ser meu marido.	a) Não. Não tinha nenhum conceito formado.
b) Minha vida é muito melhor casada do que solteira. Gosto da estabilidade, chegar em casa e ter alguém me esperando. Não tive surpresas.	b) Não sabia que ela estudava e trabalhava tanto. Eu acho que ela deveria estudar menos.
c) Dificuldade de se adaptar a vida a dois.	c) Não sei, acho que a adaptação

<b>19- As dificuldades do dia a dia resolvidas de que maneira? Como reagem diante algum problema?</b>	
MULHERES	HOMENS
a) Ele quer resolver na hora e eu quero conversar antes. Ele é muito objetivo. No final das contas, resolvemos o problema sempre conversando.	a) Eu sou mais objetivo que ela. Não gosto de ser avisado em cima da hora. Não importa a dificuldade, resolvemos por meio de conversa.
b) Nós temos um perfil de analisar mais, demoramos mais para tomar a decisão, mas pelo menos é uma decisão conjunta. Eu sou de falar mais e cobro isso dele. Ele reclama que eu critico ele na frente dos outros (uma coisa que meus pais faziam muito), mas estou tendo mais cuidado com isso.	b) Eu sou mais ágil e rápido, mas é ela que tem sempre a iniciativa de conversar, e no final é ela que manda. Às vezes ela reclama do meu tom de voz.
c) Ele sempre dá a iniciativa de conversar. Eu sou mais explosiva e reclamo sempre do tom de voz dele. Ele diz que é normal, mas pede desculpas.	c) Tentar conversar e saber o que fazer. Ela prefere dormir para no outro dia tentar resolver e eu quero resolver na hora. Ela é mais explosiva e eu mais tranquilo.

**ANEXO III - TERMO DE CONSENTIMENTO**

Eu, Marina Teixeira Martins, CPF 056.460.049-00, venho por meio deste convidá-lo a participar da pesquisa que dará origem ao meu Trabalho de Conclusão de Curso em Terapia Relacional Sistêmica pelo Familiare Instituto Sistêmico. Caso aceite, sua participação se dará a partir da autorização da utilização de informações e registros da entrevista.

O trabalho consistirá num estudo sobre casais em seus primeiros anos de casados, visando investigar as dificuldades e facilidades nesse período.

Caso aceite participar, informo que suas informações serão mantidas em sigilo absoluto, garantindo sua privacidade. Estarei à disposição para esclarecer qualquer dúvida e, se a qualquer momento, você desejar deixar de participar e quiser retirar o seu consentimento isso poderá ser feito por telefone (48 9627-5856) ou por e-mail ([marina.teixeira.martins@gmail.com](mailto:marina.teixeira.martins@gmail.com))

Pelo presente termo de consentimento, eu,

RG: \_\_\_\_\_, declaro que fui devidamente esclarecido sobre a pesquisa a ser desenvolvida e concordo em participar do estudo, autorizando a utilização de minhas informações, bem como sua publicação e apresentação em eventos científicos.

Florianópolis, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_, de 2016

\_\_\_\_\_  
Marina Teixeira Martins  
CRP: 12/11587



### **Parecer**

**Título:** A formação do casal: as experiências dos três primeiros anos

**Aluna (o):** Marina Teixeira Martins

**Orientador:** Sônia de Lima

O tema da monografia é atual e de interesse àqueles que pesquisam sobre a formação do casal, assim como para profissionais envolvidos em intervenções com casais. Os problemas encontrados na redação do texto foram corrigidos. Foram realizadas algumas alterações na estrutura do texto (no método e na fundamentação teórica) para adequá-lo aos objetivos do trabalho. Outras questões serão apontadas a seguir.

Quanto ao referencial teórico empregado, seria interessante a inclusão de uma discussão sobre recasamento e ampliar o tópico sobre diferenças de gênero para discutir sobre essas questões em casais homoafetivos. Me parece que acrescentar essas temáticas vão ao encontro de um modo mais sistêmico de trabalhar essa temática.

O método proposto é coerente com os objetivos do trabalho. Entretanto, é preciso explicar melhor quais foram as temáticas abordadas na entrevista semiestruturada. Minha sugestão é que as tabelas com os resultados das entrevistas sejam colocadas como apêndice, visto que fazem parte da sistematização e tratamento dos dados coletados para análise.

Também sugiro uma reestruturação da apresentação dos resultados de acordo com os objetivos específico propostos no trabalho. É mais interessante para o leitor e para o que foi proposto pela monografia que os resultados sejam apresentados por temáticas e não pelos casos. Assim os subtópicos dos resultados poderiam ser: caracterização sociodemográfica dos casais (idade, tempo de namoro, noivado e casamento); relacionamento com as famílias de

origem; facilidades no casamento; dificuldades no casamento. Dois trechos da discussão estão em destaque no texto: um por não ser apresentados os dados que levam aquela conclusão nos resultados “é perceptível o quanto a esposa consegue impor as regras, sem que o marido perceba, ou pelo menos, que se incomode com isso”. O outro trecho “adaptação do casal que não morou junto antes do casamento, foi mais difícil se comparada com os outros casais” penso ser melhor discutida ao considerar o fato dos sete meses em que moraram com a família de origem da Fabiana. A discussão dos dados, assim como as considerações finais poderão ser enriquecidas a partir das sugestões para embasamento teórico. Penso ser importante trazer um pouco mais a teoria do apego para discussão. É necessário retomar os objetivos nas considerações finais. O material produzido é rico e possui potencial de ampliação para boas reflexões sistêmicas, que podem ser ancoradas nas referências sugeridas.

Felicitações a autora e a orientadora pelo trabalho realizado.

**Florianópolis, 18 de outubro de 2016.**

**Prof<sup>a</sup> Me. Carolina Duarte de Souza**